

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES E SAGUENAIL
14 de Junho de 2024

LA REVOYURE / 2013

Realização, Texto, Som, Montagem: Saguenail / **Fotografia:** Regina Guimarães e Saguenail / **Música:** Carlos Guedes / **Produção:** Hélastre (Portugal) / **Cópia:** em DCP, cor, falado em francês, legendado electronicamente em português / **Duração:** 44 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

LUZ / 2019

Realização: Regina Guimarães / **Imagens, Som, Montagem:** Regina Guimarães, Saguenail / **Texto:** Regina Guimarães / **Misturas:** Rui Coelho / **Música:** John Cage, “Living Room Music” / **Produção:** Hélastre (Portugal) / **Cópia:** em DCP, falado em português / **Duração:** 35 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

MANGROVE SCHOOL / SKOLA DI TARAFE / 2022

Realização e Argumento: Sónia Vaz Borges, Filipa César / **Fotografia:** Jenny Lou Ziegel, Filipa César / **Montagem:** Filipa César / **Som:** Marinho de Pina / **Música:** João Polido Gomes / **Produção:** Filipa César e Spectre productions (França, Portugal, Alemanha) / **Cópia:** em ficheiro digital, cor, versão original com legendas em português / **Duração:** 35 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 15 de Outubro de 2022, A Cinemateca com o Doclisboa: A Questão Colonial.

Duração total da projecção: 118 minutos.

com a presença de Regina Guimarães e Saguenail

Diz Saguenail em *off* em **La Revoyure**: “A imagem do caminho não é o caminho. Não se filma recordações”. Saguenail não filma recordações, mas filma a luz e uma “paisagem” a que regressa muitos anos depois, e que lhe é então como oferecida como uma dádiva dos céus num Outono excepcional. Ele explica-o de viva voz em **Luz**, de Regina Guimarães, filme-sombra que nos é apresentado como “uma conversa e uma meditação com Saguenail sobre o seu filme-farol”, ou como “um filme feito à sombra de outro filme”. Dois filmes singularíssimos em que as sombras desempenham um papel determinante e que comungam uma mesma ideia de cinema enquanto arte da luz e das sombras. Sem plano definido ou premeditação, **La Revoyure** inscreve-se na esfera de um cinema do íntimo, mais próximo do trabalho habitual de Regina Guimarães e da sua escrita, do que da obra de Saguenail que, como este tem vindo a afirmar, pensa sobretudo o cinema como arte colectiva. Em **La Revoyure** procuram-se fantasmas e eles assombram as imagens e os sons sem se fixar, dissolvendo-se na matéria da imagem e numa sobreposição de camadas que minam todo o realismo. Enquanto isso a natureza revela toda a sua beleza em extraordinários movimentos de câmara ou em belíssimos planos fixos, registados num tempo frio nos campos provençais.

Luz, como os outros filmes de Regina Guimarães, surge-nos como mais “um caderno”, uma condição que neste caso se estende também a **La Revoyure**, com o qual partilha parte das suas imagens – imagens não incluídas por Saguenail em **La Revoyure**. **Luz** tem um ritmo muito

próprio, ditado por batimentos cardíacos e pela música que o acompanha, que retroagem sobre imagens da natureza. Todo o filme é um jogo de sombras e de reflexos; sombras no chão, nas paredes, reflexos na água ou em espelhos, que nos devolvem a imagem de cada um dos cineastas, mas também uma arte da luz liquefeita que provoca a embriaguez dos sentidos. Para Saguenaíl o cinema é uma arte do fragmento que “procura criar uma continuidade no descontínuo”. Uma utopia para a vida, como confessa a Regina Guimarães num diálogo que revela como o cinema de cada um deles está tão indissociavelmente interligado.

Mangrove School foi exibido pela primeira vez na Cinemateca numa sessão em que teve como companheiros, **Nossa Terra**, realizado por Mario Marret em 1966 e **Navigating The Pilot School**, filme anterior de Filipa César e Sónia Vaz Borges. Nesse contexto salientava-se a importância das escolas criadas pelo PAIGC como parte do esforço colectivo da guerra e da sensibilização e educação da população. E se **Navigating The Pilot School** abordava essa importância da educação para o esforço da guerra nas zonas libertadas, um esforço em larga escala impulsionado pelo próprio pensamento político de Amílcar Cabral, que culminava num conjunto de escolas-piloto que visavam não apenas proteger e educar as crianças de um presente em guerra, como criar “quadros” e futuros líderes, e que se distinguiam das escolas do mato criadas pelo PAIGC nas zonas libertadas. **Mangrove School** aborda, por sua vez, as peculiares escolas da resistência guineense nos mangues: escolas construídas em estruturas improvisadas sobre água, cuja ramificante engenharia se aliava a um enorme poder de camuflagem.

Como escreveu Filipa César a propósito de **Mangrove School**: “Voltámos à Guiné-Bissau para investigar as condições dos estudantes nas escolas da guerrilha, nos mangues. Em vez disso, rapidamente nos tornámos nós próprios os alunos e a primeira lição era como andar. Se se caminhar direito, colocando primeiro o calcanhar no chão, imediatamente se escorrega e cai nas represas dos campos de arroz alagados ou se fica preso na lama dos mangues. É preciso baixar o corpo, flectir os joelhos, enfiar os dedos verticalmente na lama e estender os braços para diante num movimento consciente e presente. Na escola do mangue, é o corpo todo que aprende.” Em **Mangrove School** aprendemos estes “outros” ritmos do corpo, como aprendemos como se edificam as estruturas que sustentam essas escolas, um processo que nos é revelado em detalhe, em toda a sua beleza artesanal. Mas face a **Mangrove School** pensamos também em Amílcar Cabral-agrónomo, cujo trabalho nessa área já havia sido destacado por uma obra anterior de Filipa César, **Mined Soil**, que estabelecia uma ligação entre o processo de independência da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral e as suas pesquisas na áreas da agronomia em Portugal. Realidade evocada directamente por estas escolas nómadas que, para lá da sua importância educativa, reenviam para um paralelo trabalho da terra e protecção do solo, que a construção de diques propiciava, numa história múltipla sobre resistência política, educativa e agrícola contada através de metafóricas estruturas rizomáticas que, resistindo ao espaço e ao tempo, propiciam a evasão.

Joana Ascensão